

OKUVITA ACADÉMICA

Huíla - Angola
SADC - PALOP - CPLP
África

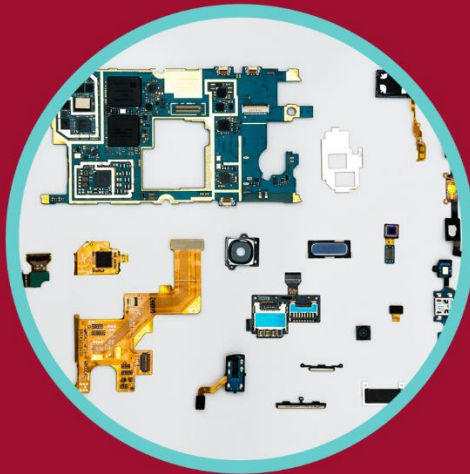


Revista Informativa

Huíla - Angola

Edição Nº 4

2021



- UMA OUTRA HUÍLA MAIS INTERESSANTE
- A CULTURA COMO FACTOR DE DESGRAÇA DO POVO
- A CONQUISTA IRREVERSÍVEL DA HUMANIDADE

FÁBRICA DE ENGARRAFAMENTO DE ÁGUA 'PRECIOSA'

GRUPO 'O REGENTE'

Lubango / Huíla / Angola

+244 923 407 949

+244 923 627 378

aguapreciosa.adm@gmail.com

www.aguapreciosaangola.net



Uma empresa moderna global
que busca a excelência, precisa
ter o foco nos aspectos sociais,
ambientais e economicos.

Por Valdemar F. Ribeiro

UMA OUTRA HUÍLA MAIS INTERESSANTE

Após quarenta e cinco anos de independência, estamos orgulhosos pois conseguiu-se construir meia dúzia de ruas asfaltadas, não avenidas, no principal centro da cidade do Lubango. Olhando as ruas laterais, secundárias e terciárias, encontram-se esburacadas, de terra todas elas, algumas com lixos, sem saneamento básico, circundando até algumas casas de boa aparência, casas sem água nas torneiras, com pouca luz, e por aí se vai.

Há uns bons anos, foi proposto ao Governo Provincial, o desenvolvimento de desportos radicais, Balonismo, Asa-delta, Para-pente, montanhismo, by-cross, moto-cross, caminhadas, cavalgadas, e tantos outros desportos apropriados para estas belas montanhas da Serra da Chela. Parece que que isso não passou de uma brisa, ideia pouco importante e pouco brilhante, aqui na “banda”, até hoje 2021.

Os países ao redor, Namíbia e África-do-Sul são especialistas nestes desportos radicais e turísticos; Portugal e Brasil também são e seu turismo vive disso também, de forma acentuada, haja visto Cabo-Verde com suas ondas para surf e a cidade de Nazaré, em Portugal, com suas ondas gigantes, as maiores do mundo, e que hoje se tornou num “point” mundial neste tipo de desporto, e as televisões do mundo inteiro vão para Nazaré e Cabo-Verde filmar, buscando imagens espectaculares, e transmitindo estes países para o mundo, divulgando-os turisticamente. E nós continuamos a não dar a devida importância à jóia que temos, denominada “Montanhas da Serra da Chela”, não a sabemos polir, achando que é apenas uma pedra bruta quando na realidade é um belo diamante, único, raro e esverdeado, e andamos a lamentar que não temos turismo. Triste sina a nossa.

Os jovens, com o desenvolvimento dos desportos radicais nesta região, seriam atraídos para longe das bebidas e das drogas, para longe de um “fazer nada”, seriam com certeza atletas dispostos até para campeonatos internacionais. Seria uma excelente maneira de atrair a juventude para uma educação de elevado nível mental, novas culturas, trilhas ambientais, e estes jovens certamente agradeceriam muito se os “Kotas” ousassem tal ideia, que não é proeza alguma.

Não é muito difícil promover o desporto radical na Huíla pois temos as montanhas e temos uma rede hoteleira operacional mas em letargia. Também não é complicado promover a recuperação das florestas nativas da região. Em muitos países os/as “kotas” já o fizeram e funciona, sem riscos e trazendo ganhos económicos e financeiros; basta haver boa vontade e ousadia e vamos!

Ao se recuperarem as florestas nativas da região para se promoverem estes desportos e um turismo de qualidade, a indústria hoteleira seria extremamente beneficiada com isso pois a Huíla já dispõe de uma estrutura hoteleira capaz de responder a novos desafios.

O mais difícil a Huíla tem, a jóia “Montanhas da Serra da Chela” e uma rede hoteleira capaz, falta apenas ousadia aos/às “kotas”.

Os grupos culturais existentes e novos seriam também bastante beneficiados com este desenvolvimento desportivo turístico.

Olhando a “educação”, há uma grande preocupação em se construir paredes para supostas escolas mas depois não há saneamento básico, não há professores com capacidade para uma educação de elevada qualidade, os professores não recebem salários dignos para sustentarem suas próprias famílias, como poderão eles ensinar?

Olhando as montanhas da “Chela”, hoje, estão carecas e a desertificar, despidas de suas belas florestas nativas que são as principais mantedoras da qualidade de vida da Província. Todas as árvores nativas, impróprias para carvão, são abatidas, não há plantação de árvores para produção de madeira de qualidade de forma ambientalmente correcta, nestes quarenta e cinco anos de independência.

O comércio foi ocupado por pessoas estranhas à cultura original, pouco preocupadas com o desenvolvimento social e ambiental da Huíla e os natos cada vez com menos espaço de negócios.

A cidade com ruas sem qualidade, a maioria têm seus prédios sem côr, quintais sem jardins e sem árvores, sem água, sem saneamento e quando se olha a cidade do alto ou de longe, nota-se uma sociedade sem brilho, com muitas casas de construção sem qualidade e a cidade agora nem jardins tem.

É um salve-se quem puder. É um dia a dia pobre e sem motivação cultural e parece não haver interesse numa mudança profunda da Huíla.

As Instituições do ensino, no geral, sem grande criatividade e aparentemente pouco preocupadas com esta sociedade cada vez mais amorfa e não se vê as academias a ousarem no pensamento, justificando-se este marasmo nas dificuldades financeiras e económicas do país e na pouca motivação social.

É certo que há, e muito, dificuldades de toda a ordem, mas a Huíla, “per si”, tem potencial para fazer mais, muito mais, para ter um rumo mais criativo, para inovar em soluções que permitam à Província um outro dinamismo mais motivador e incentivador dos espíritos criativos e ousados, e há com certeza pessoas mais criativas nesta Província, podem-se citar alguns exemplos.

É uma pena que a Huíla não seja mais ousada. Aceita-se a mediocridade como modelo em quase tudo. A Huíla sempre teve melhor fama, por razões reais.



- 4** PODER E AUTORIDADE EM DISCUSSÃO
Por Marco António de Carvalho
- 5** SOMOS APENAS ELEITORES
Por Marco António de Carvalho
- 6** SER OU NÃO SER LIDER - O EXEMPLO CHINÊS
Por Valdemar F. Ribeiro
- 8** FERTILIDADE MASCULINA E ALIMENTAÇÃO -PARTE I
Por Abdeneço Chivinda
- 9** A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO NA APRENDIZAGEM
Por Victor Cahala & Betina Lopes
- 11** SOU ESCRAVO DA PALAVRA, DA VERDADE E DA ÉTICA
Por Horácio Reis
- 13** TEMPO PARA VIVER - UM TEMPO DE REFLEXÃO
Por Gisela Borges
- 16** INDEMNIZAÇÃO POR VIOLAÇÃO DOS DEVERES CONJUGAIS
Por Cistóvão Marcos Chivela
- 18** A CULTURA COMO FACTOR DE DESGRAÇA(DA) DO POVO
Por Gabriel Chinanga
- 20** A POESIA DA FOME
Por Chia KMK
- 21** ÁFRICA SANGRANDO
Por Hélio Sozinho
- 21** ORALIDADE E ESCRITA: UMA ANÁLISE SUCINTA
Por Mille Tavares
- 21** A CONQUISTA IRREVERSÍVEL DA HUMANIDADE
Por Alê Borge
- 21** JURISPRUDÊNCIA
Por Antónia Kuzanga
- 21** AGOSTINHO NETO "MORREU POBRE" PORQUE "ERA UM HOMEM HONESTO"
Por Beto Agostinho

SPONSOR



Preciosa Comunicação Web Comunitária

www.preciosaradioweb.net

Ficha técnica

Propriedade
Editora Digital Preciosa

Editores
Valdemar F. Ribeiro
Estanislau Costa

Revisores
Abílio Lupenha
Mille Tavares

Jornalistas
Antónia Kuzanga
Airtón Kenha
Jandira Ferro

Técnico digital
Caetano Borges

Publicidade
Fábrica de Água Preciosa
Empresa de tintas Neuce
Colégio 123

Endereço
Br. Lage, Lubango, Huíla, Angola
revista.okuvita@gmail.com
valdemarribeiro@yahoo.com.br
+244 923 407 949

Links
www.academiadeautoresda-huila.net
www.academiadoambienteda-huila.net



Por Marco Antônio de Carvalho

PODER E AUTORIDADE EM DISCUSSÃO

Pouco se discute se a autoridade é mesmo necessária.

É curioso descobrir que o fenômeno da autoridade permanece um tabu entre nós, humanos deste século 21, exatamente como ocorre há muito tempo. Falo da autoridade, é bom notar, e não de autoritarismo, que depende da existência da primeira.

Podem-se descobrir, em qualquer banca de jornal, estante de livraria ou biblioteca, análises de todo o gênero sobre a necessidade de se conhecer melhor essa ou aquela mulher ou homem, ou partido com pretensões ao poder político, neste caso.

É também muito fácil encontrar manchetes em todos os meios de comunicação ou nos veículos de cultura enfatizando que se precisa substituir uma determinada autoridade por outra ou manter uma terceira a qualquer custo.

Assim, escrevem-se livros e discursos, concedem-se entrevistas, gravam-se músicas e hinos, fazem-se filmes e anúncios na tentativa de se apoiar uma autoridade ou derrubar uma outra.

Em contrapartida, nada se ouve sobre a necessidade ou não da existência dessa autoridade, seja ela qual for, de onde vier e que matriz tiver: não aceitamos de forma, alguma fulana como autoridade, mas em compensação somos capazes de tudo para colocar sicrano no poder.

O máximo que se discute, portanto, é a qualidade da autoridade: se boa ou má, justa ou injusta, se representa ou não a maioria.

O ponto final é a discussão sobre essa qualidade – e ainda assim quando isso nos é permitido, o que nem sempre ocorre. Só chegamos ao ponto de propor uma substituição para aquele que está no trono. Não estamos autorizados sequer a pensar em jogar o trono no fogo. E nós, do nosso lado, adoramos uma muleta, por mais que seja desnecessária.

Quem quer reinar sobre os homens procura rebaixá-los, abolir pela intriga sua

resistência e seus direitos até tê-los impotentes diante de si como animais. Utilizá-los como se fossem animais; embora não lhes diga, ele sempre sabe, no fundo de si mesmo, quão pouco esses homens representam para ele; chamá-los-á de carneiros e de rebanho diante de seus familiares. Seu objetivo último é sempre o de transformá-los em presa devorada e esvaziada. Pouco lhe importa o que deles resta. Quanto mais os maltratou, mais os despreza. Quando não servem mais para nada, descarta-se furtivamente deles, como seus próprios excrementos, e cuida para que não empesteiem o ar da casa".

“Este trecho não faz parte dos escritos de qualquer revolucionário ou anarquista radical: É de Elias Canetti, vencedor do prêmio Nobel de Literatura, em massa e poder”.

Ora basta prestar atenção no comportamento dos políticos - para não falar de instituições em geral, de religiosos, militares ou economistas - nos países democráticos, especialmente nas proximidades das eleições, para concordar com Canetti.

É nesses momentos que se pode ver claramente que cada eleitor é tratado como uma criança órfã e indefesa, dependente de pais de toda ordem e, portanto, de segurança.

Cada eleitor é visto como um animalzinho assustado – cercado de inimigos, visíveis e invisíveis, como ladrões, desemprego, doenças e sofrimentos de toda ordem.

E por sua vez, ele acredita ou finge acreditar como “dizia o poeta maior da língua portuguesa Fernando Pessoa”, que só tem uma saída para escapar desses terríveis perigos: apoiar fulano, confiar nele, transformá-los na futura grande autoridade, aquela que guiará todos os seus seguidores (de preferência,

, apenas estes) ao fim do túnel escuro, sem maiores ferimentos.

Mas sabemos que tudo muda depois que a eleição passa – e isso absolutamente não é regra apenas aqui no Brasil. É claro que existem nuances, mas em toda parte o fenômeno é o mesmo: após chegar ao trono, a autoridade tudo faz para se manter longe dos seus simpatizantes – aqueles mesmo que o escolheram -, provavelmente para “não empestear a sua casa”.



A crítica de Canetti é dura e a constatação, estúpida? Absolutamente. É que a tendência sempre é a de acreditar que, “puxa, não se pode generalizar, isso é radical demais, nem todos os líderes, partidos e políticos são iguais”.

Poderíamos responder dizendo que essa é uma posição ingênua e míope e que provavelmente atende aos interesses do ingênuo e míope: “Certo”, talvez ele dissesse, “todo partido é autoritário, todo político promete e ilude – todos, menos o partido do meu deputado. Esse é diferente, nele eu confio. Ele veio para mudar tudo isso”.

Qualquer ser humano “que se supõe livre e sem medo de pensar” sabe que a autoridade azul não é superior nem melhor do que a autoridade vermelha ou branca: são todas autoridades e, como tal, são cerceadoras, censoras, dogmáticas, legislam e exigem obediência.

Não se pode dizer que sobreviver sob as botas de um ditador é o mesmo que viver sob a letra das leis dos democratas.

Seria absurdo afirmar que, nesse ponto, é a mesma coisa. Obviamente, existe uma diferença: -mais ou menos aquela que há entre um dia nublado o qual, mais tarde, se transforma em chuvoso. Ou seja: em ambos os climas- nublado e chuvoso – existe um mesmo componente, nuvens.

E tanto na democracia quanto na ditadura há um componente básico chamado autoridade. Por isso um pode transformar-se na outra. Mas nem uma nem outra podem ser confundidas com o exercício da liberdade.

A questão, aqui, seria saber se é possível a coexistência de liberdade e autoridade.

Escreve Michael Lobrot, em A FAVOR OU CONTRA A AUTORIDADE: “Sempre se teve tendência a considerar a autoridade como um facto, do mesmo modo que o céu, a Terra, as árvores e as montanhas. A ideia de que esse facto poderia ser reduzido a algum mecanismo mais fundamental ou ser contestado só ocorreu a muito poucas pessoas, mesmo em nossa época”. Mas completa ele, “isso não explica o facto de a autoridade ser central na vida social. Central é dizer pouco. É um fenómeno maciço. Envolve-nos por todos os lados. Está tão presente em cada um de nós quanto o ar que respiramos”.

E é cada vez mais difícil respirar: a autoridade – todas, pequenas e grandes, da divindade ao inspetor de quarteirão, do Ministério da Fazenda ao síndico do edifício, do professor ao juiz de futebol – toma conta de cada um de nossos gestos.

Mas como será que a autoridade se mantém no poder, por mais que haja o tão decantado e ilusório rodízio no trono?

Ora, através da entrega de medalhas de todo género a todos os que a apoiam.

Desde crianças aprendemos a amar e respeitar todas as instituições que representam essa autoridade (sejam elas religiosas, políticas, jurídicas, militares, culturais) e somos ensinados a pensar que nosso único e grandioso papel é lutar pelo aperfeiçoamento dessas organizações.

Assim nossa cultura é baseada nessa equação simplíssima: **faça o que eu digo e, em troca, colocarei em seu peito uma medalha** – que pode ser de ouro, prata ou bronze. Tudo depende de você: se quanto é comportado, patriota, fiel, cumpridor dos seus deveres, trabalhador, ordeiro, etc.

As medalhas, por sua vez, podem ser traduzidos em status, salário, conquistas sexuais, ou diplomas, prêmios, lideranças. É, então, afagando o ego de cada um que a autoridade e o poder se mantem eternamente.

Do nosso lado, reconhecemos estar presos e escravizados a uma liderança sempre indigna, mas, em geral, não pretendemos fugir dessa realidade. Somos corrompidos através do nosso ego, também porque somos “corrompíveis”.

A autoridade e poder são uma grande avenida de duas mãos: seus representantes não vivem sem nós, humanos comuns - e nós dependemos deles para nossos sonhos e ilusões ego-maniacas.

Max Nordau, em “AS MENTIRAS CONVENCIONAIS DA NOSSA CIVILIZAÇÃO”, analisa essa interdependência entre a autoridade e o chamado homem comum, lembrando que, no processo eleitoral, os cidadãos “votam segundo as inspirações de sua vaidade ou do seu interesse; lançam na urna o nome que estão enfatiados de ouvir falar.

Não conhecem o individuo, nada sabem do seu caráter, de sua aptidão, das suas afeições, elegem-no porque o seu nome lhes é familiar. Se tivessem de emprestar-lhe por algumas horas uma chaleira velha, informar-se-iam dele certamente melhor. No entanto, confiam-lhe os maiores interesses do Estado, por consequência seus próprios interesses também, sem saberem coisa alguma a seu respeito senão que é recomendado por uma comissão cujos membros são tão desconhecidos ao eleitor quanto o próprio candidato”.

O resultado é o caos em que vivemos: treinados desde a infância para acreditar que toda autoridade é necessária, passamos a vida

atrás das medalhas que ela oferece em troca de nossa servidão – e em momento algum chegamos perto do que deve ser um homem livre.

Como fugir a esse círculo vicioso, essa escravidão tão atraente e charmosa? Provavelmente, através da recusa das medalhas, dos apelos ao ego. Não se pretende aqui entregar uma resposta de bandeja, pronta e acabada.

Mas é exatamente nos momentos de reflexão, após eleições e decisões unilaterais da autoridade, que conseguimos ver com clareza o quanto nós mesmos somos responsáveis pelos gestos desses homens e mulheres que pretendem guiar cada um dos nossos passos.

Qualquer crítico do poder sabe que falta a este um mínimo de humor, do sadio e imprescindível humor. Afinal, seus representantes se creem o máximo em honradez, dignidade, seriedade – quando, sabemos muito bem, a verdade é bem outra.

É exatamente pela falta de humor que os grandes críticos da autoridade e dos poderosos usaram deste expediente para melhor retratar o que pensam sobre este onipresente fenómeno. Como, por exemplo, no Dicionário do Diabo, uma das FÁBULAS FANTÁSTICAS do americano Ambrose Bierce – é praticamente desconhecido entre nós.

Neste dicionário hipercrítico, arrasador com toda conveniência e convivência, Bierce alerta que citação e o “acto de repetir erroneamente as palavras de outrem”. Ainda assim citemos: diplomacia seria a “arte honrosa de mentir pela pátria”; eleitor é “alguém que goza do sagrado privilégio de votar num homem escolhido por outro”, eu é “a primeira palavra da língua, primeiro pensamento da mente, primeiro objeto do afeto”.

Mais: ladrão seria “um homem de negócios sincero”, liberdade: “um dos bens mais preciosos da imaginação, e patriota: “alguém para quem os interesses de uma parte parecem superiores aos do todo. É o trouxa dos estadistas e a ferramenta dos conquistadores”.

Voltemos a Freud: para ser livre, o homem terá mesmo de matar o “pai”. E, por incrível que pareça, por medo de crescer, o homem tem feito exatamente o oposto, criando mais e mais pais, de todos os tamanhos e cores. Mas, se quiser a liberdade, é necessário matar cada um deles. Difícil é saber se haverá tempo para isso.



Por Marco António de Carvalho

SOMOS APENAS ELEITORES

A democracia é perfeita: somente através de campanhas e eleições livres pode-se descobrir que os políticos não são absolutamente melhores do que os militares quando se propõem a reger nossas vidas.

Se a guerra é coisa séria demais para se deixar nas mãos de militares –como lembrou Clemenceau, a política é assunto por demais vital para se deixar nas mãos de políticos profissionais.

E, se a guerra é um facto relativamente passageiro na vida de um país (cada vez menos passageiro, é certo), a política é uma necessidade diária. Assim, político jamais poderia ter férias.

Todos esses senhores, antes candidatos e depois legisladores, estão-se metendo mais e mais em cada um dos nossos gestos, dizendo-nos o que podemos ou não fazer, quando e como agir, onde e de que forma pagar contas criadas por eles mesmos, em quem acreditar ou desacreditar, por que pensar assim ou assado. Esses senhores, portanto, devem possuir uma sabedoria superior à nossa e só por isso conseguem distinguir o Bem do Mal com tanta facilidade.

São semideuses, super-homens, heróis do nosso tempo. Devem; então, agir como seres superiores, acima de mesquinaria de eleitores e homens comuns, abrindo mão de seus salários, falando apenas e tão-somente a verdade e, de vez em quando, deixando que nós, pobres mortais, possamos conhecer um pouco da sua inteligência, bondade, sensibilidade, dignidade e humanismo –como convém a seres superiores. E, para que convertam os incrédulos, que deem entrevistas à televisão sem camisa: assim todos verão as asas em suas costas.

Como bons pais, esses senhores sabem que não temos condições de pensar por nós mesmos: precisamos de guias, bandeiras e condutores para atravessar a estrada da vida. Por isso, somos tratados como crianças indefesas, assustadas, de vivência, ingênuas e bobocas. Assim, se somos tão infantis, se não

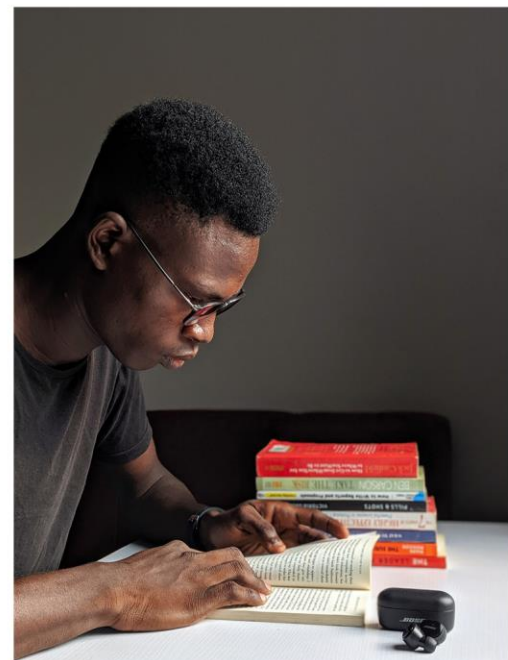


temos condições nem inteligência para decidir nada, esses senhores deviam trabalhar e produzir por nós – e deixar que os eleitores fiquem todos em casa, brincando.

Todos eles querem provar que há uma divisão absoluta e definitiva entre os eleitores, fazer com que acreditemos que quem vota em fulano é diferente do simpatizante de sicrano, o qual, por sua vez, é diferente de quem prefere beltrano... e assim por diante.

Mas não encontramos em lugar algum eleitor sem cabeça, ou com três pernas ou um rabo. Nem lemos nos jornais notícias sobre simpatizantes de algum candidato que não precisam comer, ou não respiram jamais, ou evitam beber água.

Esses senhores manipulam nossas necessidades básicas e cada dia tentam provar que nossas diferenças são mais importantes que as semelhanças.





Por Valdemar F. Ribeiro

SER OU NÃO SER LIDER – O EXEMPLO CHINÊS

No planeta, em todas as sociedades ou quase todas, há as lideranças, gentes que se dizem ou se afirmam líderes, uns de forma natural e outros impondo-se como chefes, de cima para baixo. É a realidade humana.

Mas as lideranças naturais assumem suas responsabilidades não pela força física, mas pela força da razão, da lógica. Antes e ainda hoje, as lideranças impunham-se pela força das armas, pela força física.

E isso é fácil de identificar quando se assiste a organizações e outras instituições a morfarem após o desaparecimento de suas lideranças ou seja, quando uma organização não se constrói de forma democrática, tornando-se autossustentável, aonde as lideranças assumem por via realmente democrática, séria, responsável, não se impõem pela força bruta física ou mental, pelo compadrio, essas mesmas lideranças substituem-se de forma harmônica e as instituições sobrevivem, caminham, permanecem, de forma natural.

O que se assiste muitas vezes, nesta sociedade humana, são lideranças que na realidade não são democráticas, são impostas de cima para baixo e quando essas lideranças por qualquer motivo, incluindo a morte, desaparecem, as instituições também se vão normalmente ou diminuem sua força, seja ela qual for.

As lideranças quando são naturais, assessoram-se das pessoas mais competentes pois seu foco é no desenvolvimento sustentado e essas assessorias muitas vezes ultrapassam seus líderes no conhecimento e na execução das tarefas que lhe competem, mas a líder natural motiva e incentiva isso pois sua força, sua liderança, fundamenta-se nesse desenvolvimento sustentado.

O líder não natural tem receio de que seu assessor o ultrapasse em conhecimento e que assuma seu lugar e por essa razão busca sempre seus assessores na mediocridade e há muitos exemplos de países que não se desenvolveram por causa dessa forma de

liderança.

O líder natural anda em linha, não anda em fila pois precisa que quem está à sua volta também tenha uma visão ampla do horizonte e dessa forma o grupo torna-se mais forte.

Quem anda em fila, como andam os exércitos, apenas o chefe pode olhar o horizonte, o resto vê o que o chefe quer que veja, não tem horizonte próprio. E quando as instituições funcionam em fila, o normal é morfarem quando o chefe acaba, não pensam por si próprias.

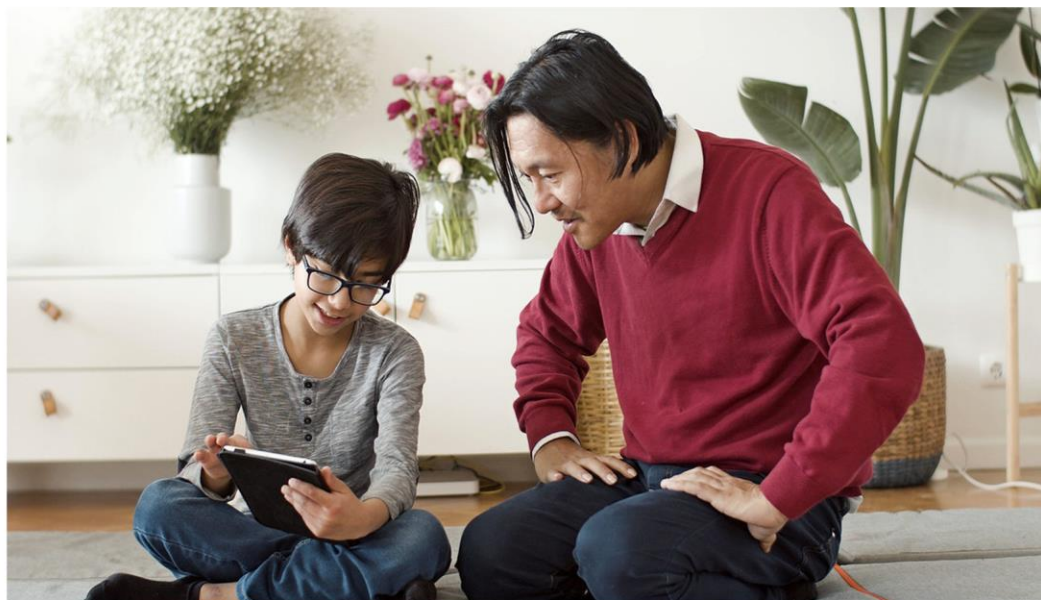
Pode-se analisar a sociedade chinesa aonde neste ano de 2021, o estado chinês paga um prêmio aos seus cidadãos que tiverem mais filhos. Antes era ao contrário, o governo chinês castigava quem tinha mais de um filho.

O que a China pretende agora, nesta sua nova lideranças, pela força não pela razão, é ter mais pessoas, mais “ferramentas”, mais “armas” pois assim exerce um poder maior sobre a sociedade humana planetária em função de seu maior número de pessoas robôs, pessoas que não questionam as ordens sejam elas quais forem, o que certamente é um pensamento imperialista, não é um pensamento saudável com certeza mas é a realidade actual.

E muitos cidadãos chineses, contentes, agora fazem mais filhos, procriam como coelhos, supondo que eles são os donos de seus filhos. Puro engano pois, quem é o dono dos filhos desses cidadãos procriadores, é o estado chinês e coitado de quem não obedecer quando chegar uma ordem pois o estado chinês é ditatorial e pode condenar até à morte caso os cidadãos não obedeçam.

Afinal, anda o coitado do cidadão chinês a procriar supondo os filhos como seus, mas afinal o verdadeiro dono é o estado. Na verdade, qual a inteligência profunda de tudo isso, deste interesse de procriar sabendo que o estado é o dono? Assim se passa com os animais, são procriados num sentido económico, não de desenvolvimento daquela sociedade.

A sociedade humana chinesa neste século XXI procria no sentido de ampliar seu domínio no mundo económico e social, não num sentido de desenvolvimento humano na sua globalidade ou seja, é uma sociedade que busca dominar a outra através da força, através de uma ditadura, não através da razão, da inteligência e este exemplo infelizmente é muito comum na sociedade humana, desde sempre e cada vez mais hoje.





Por **Abdenego Chivinda**

FERTILIDADE MASCULINA E ALIMENTAÇÃO – PARTE I

A fertilidade masculina e a alimentação estão relacionadas.

Um dos fatores que contribui para aumentar a fertilidade é escolher bem o que colocar no prato.

Quem sonha em ser pai deve cuidar da nutrição para ter espermatozoides saudáveis e facilitar a fertilização do óvulo. E quando se fala de espermatozoides, há três coisas a serem observadas e que influem na fertilidade do homem: a quantidade, a qualidade e a mobilidade. Esta última é a capacidade de movimentação para ir ao encontro do óvulo e fertilizá-lo.

Mas como conseguir isso? A nutrição é uma forte aliada para esses três fatores. Por isso, é muito importante ter uma dieta balanceada e a análise de um nutricionista, para saber se o organismo está com falta ou excesso de algum mineral ou vitamina. Ou seja, a utilização de vitaminas ou suplementos jamais deve ser feita sem orientação médica especializada. Conheça as vitaminas e minerais que podem ajudar – e muito – os futuros papais.

Carnitina

É um aminoácido que tem como principal função dar energia aos espermatozoides, o que é essencial para sua motilidade. Tudo acontece no epidídimo, um pequeno duto onde ficam os espermatozoides produzidos pelos testículos. O esperma epididimal utiliza a oxidação dos ácidos graxos (ômega 3, 6 ou 9) como principal fonte de energia, e a carnitina é fundamental para o transporte desses ácidos dentro das células. Se houver baixo nível desse aminoácido, a produção de energia é reduzida, podendo causar alterações na mobilidade dos espermatozoides.

Fontes: Os alimentos considerados fonte da substância são, em maior parte, de origem animal, como carnes vermelha e branca – em especial carneiro, alguns tipos de peixes e produtos lácteos. Pode, ainda, ser encontrada em menor porcentagem em outras fontes

alimentares, como o abacate e nos grãos de soja.

Zinco

É importantíssimo para o bom funcionamento do sistema reprodutivo masculino, visto que o esperma tem alta concentração desse mineral. Homens com infertilidade possuem menores quantidades de zinco e sua falta pode estar associada à diminuição dos níveis de testosterona e da quantidade de espermatozoides. Nesses casos, a suplementação do mineral pode ajudar nos tratamentos para fertilidade masculina.

Fontes: carnes, peixes, laticínios, feijão e oleaginosas, como, amêndoas, nozes e castanhas.

Vitamina B12

Está relacionada à replicação celular, principalmente para a síntese de material genético (DNA e RNA), e sua deficiência está associada à diminuição da quantidade e da motilidade dos espermatozoides.

A suplementação da vitamina B12 pode ser feita para homens que possuem níveis muito baixos de espermatozoides (menos de 20 milhões/ml) ou com a taxa de mobilidade menor do que 50%, ajudando a combater a infertilidade.

Fontes: laticínios, ovos, peixes, carnes, feijões, couve-flor, agrião, banana e brócolis.



Vitamina C ou ácido ascórbico

Você sabia que tem muito mais vitamina C no sêmen do que no sangue? A baixa quantidade dessa vitamina pode causar danos ao material genético dos espermatozoides e problemas de mobilidade, levando à infertilidade. É um poderoso antioxidante e sua suplementação pode ajudar a aumentar a fertilidade masculina, sendo possível receber essa vitamina na própria alimentação.

Fontes: frutas cítricas, como laranja, limão e maracujá; outras frutas, como abacaxi, caju, morango, kiwi; e vegetais, como abóbora, agrião, alface, beterraba e brócolis.

Vitamina E

A vitamina E também é antioxidante e é mais presente nos espermatozoides. Por isso, os protege contra os radicais livres e a oxidação. Quem deseja ser pai deve ingerir alimentos ricos em vitamina E ou ter a suplementação feita por orientação de especialista. Esse cuidado irá ajudar na melhora da movimentação dos espermatozoides e, conseqüentemente, da fertilidade masculina.

Fontes: sementes de abóbora, ovos, azeite de oliva, abacate, vegetais verde-escuros e cereais integrais.

Selênio

Esse nutriente está presente em diversos órgãos do corpo, embora apareça em grande quantidade nos testículos e ductos seminais ligados à próstata. Ele é essencial para a produção dos espermatozoides.

A falta do selênio pode causar deficiência na morfologia do espermatozoide. Assim, fraco ou deformado, ele acaba perdendo sua mobilidade.

Por outro lado, sua função antioxidante previne os danos dos radicais livres e, agindo em conjunto com a vitamina E, é capaz de aumentar a movimentação do esperma.

Fontes: oleaginosas, como avelãs, amêndoas, nozes e castanhas; peixes e frutos do mar; feijão; fígado bovino; peito de frango; produtos à base de cereais integrais, como pães e arroz.

Para aumentar a fertilidade através da alimentação, é recomendado que sejam consumidos alimentos capazes de estimular a produção hormonal e, conseqüentemente, favorecer a produção de espermatozoides viáveis.

Os alimentos para aumentar a fertilidade do homem são aqueles ricos em cromo, pois esse mineral é importante para fabricar os espermatozoides, sendo recomendado consumir pão integral ou de centeio, pimentão verdes, ovos e frango.

Além disso, é interessante que os homens consumam alimentos ricos em vitamina C, como as frutas cítricas, pois esta vitamina protege os espermatozoides e ajuda a aumentar o seu número.

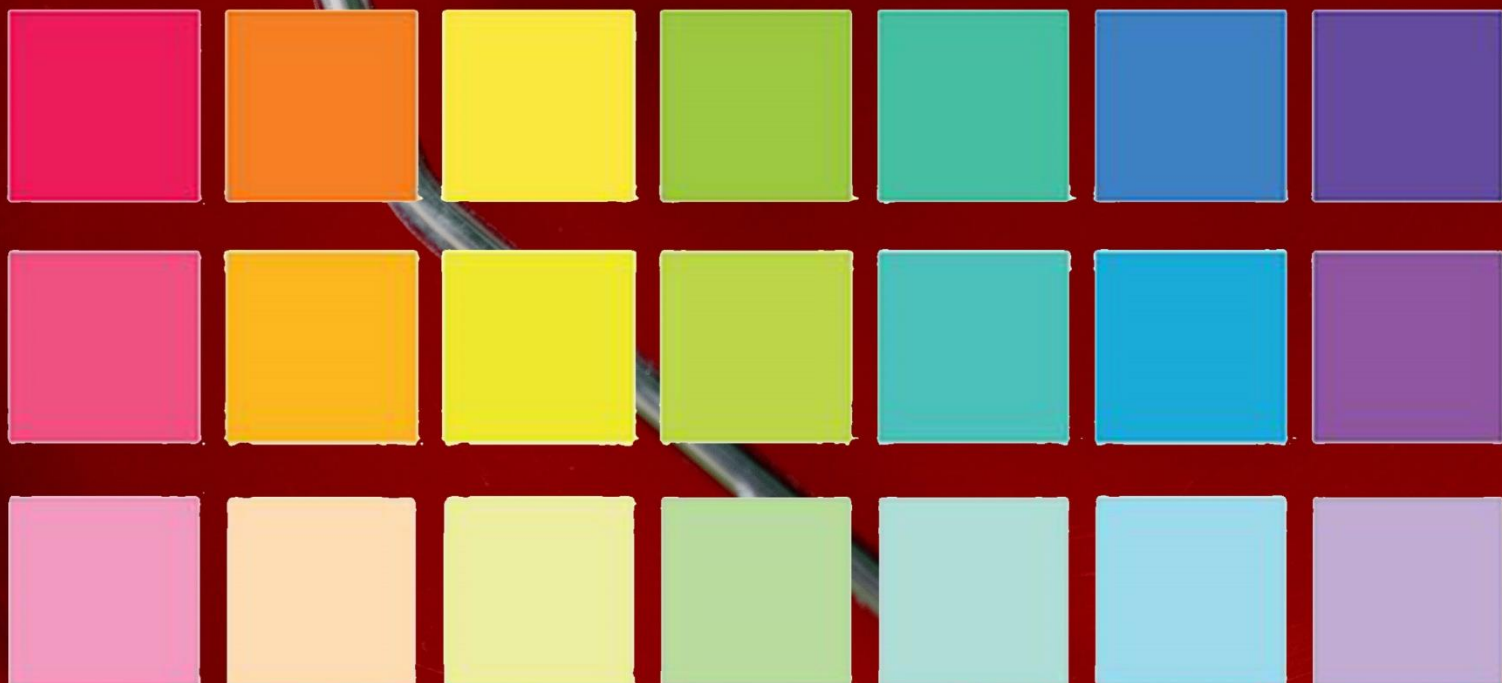
Na segunda parte iremos falar sobre os alimentos prejudiciais para fertilidade masculina.

Alimentação Saudável, Vida Saudável





O GRUPO NEUCE é constituído por um conjunto de empresas que se dedicam ao fabrico e comercialização de Tintas, Vernizes, Diluentes, Revestimentos, Produtos e Sistemas de Impermeabilização, Isolamento Térmico e produtos afins.



NEUCE ANGOLA

Pólo Industrial de Viana
Apartado N°34, Viana
T: (+244) 926 400 794/5
neuceangola@neuce.pt



**Por Victor Cahala
& Betina Lopes**



A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO NA APRENDIZAGEM

A educação em ciências é fundamental para responder e minimizar desafios globais e locais do presente e do futuro. As constantes mudanças que as sociedades têm vindo a atravessar ao longo dos tempos, torna necessário ajustar as metodologias educativas aos novos contextos, privilegiando-se a articulação entre o que o aluno aprende em salas de aula com aquilo que ele vivencia no seu quotidiano, no sentido de capacitar para lidar com situações problemáticas, a incerteza e a desinformação.

Em Angola, muito se tem falado sobre reformas educativas, curriculares e de inovação da prática pedagógica, nomeadamente no âmbito da Biologia mas, na realidade, iniciativas de inovação concreta em contexto escolar, ainda são mui escassas (Menezes, 2010; Lopes, Costa & Matias, 2016).

Este estudo envolveu 138 alunos de 4 turmas da 7ª Classe durante o ano lectivo de 2019. O objectivo foi analisar os efeitos da actividade prática de campo na melhoria das aprendizagens dos alunos da 7ª classe envolvidos. Durante a actividade de campo, que teve uma duração de 2 horas, os alunos tiveram contacto com plantas, observando e investigando o local com base numa planificação específica elaborada para o efeito, tendo feito registos ilustrativos de alguns dos espécimes vegetais observados.

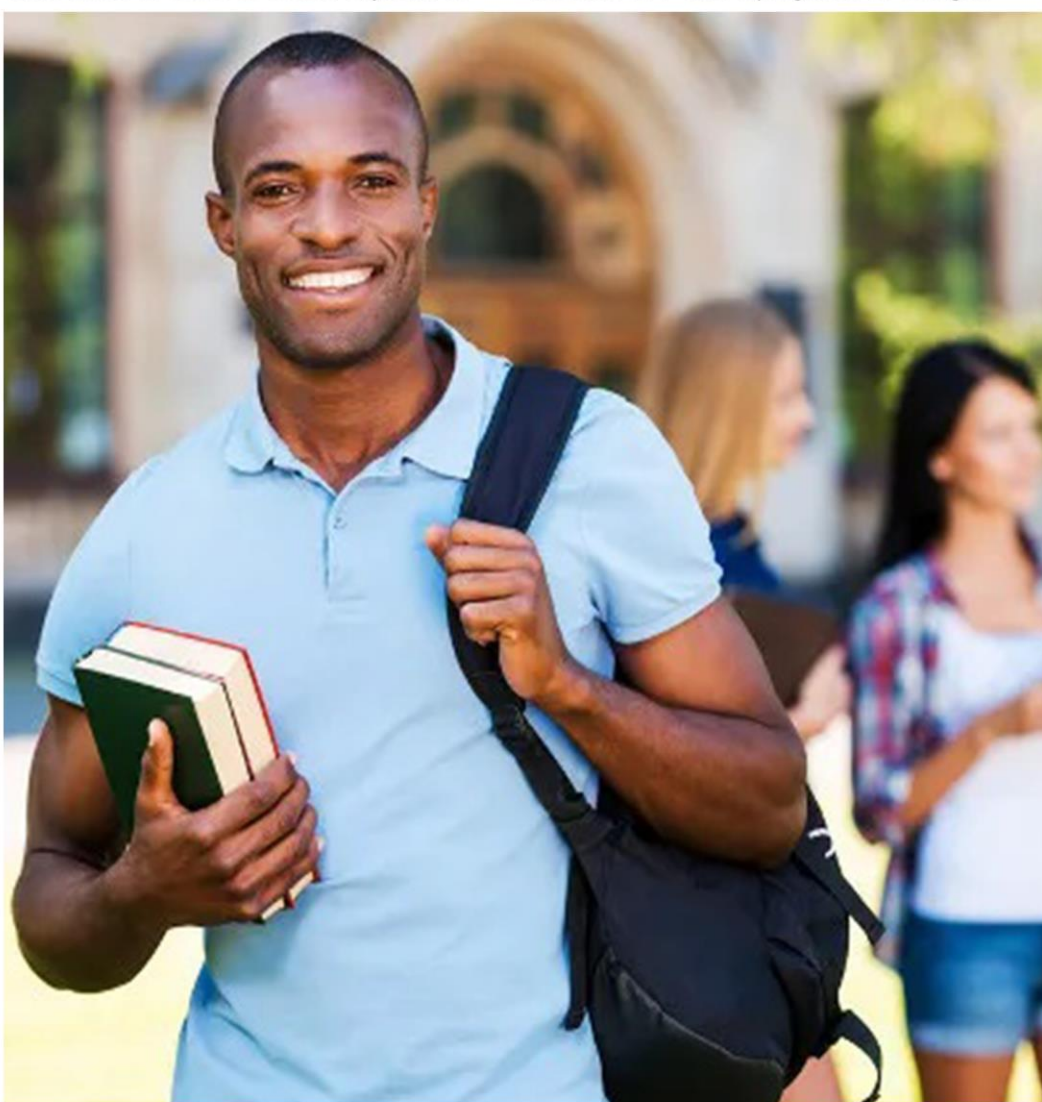
Em contexto de aula, num momento pós campo, os alunos elaboraram ainda um relatório sobre a actividade prática em causa. A análise dos dados recolhidos, nomeadamente através do inquérito por questionário aos alunos, observação participante das actividades desenvolvidas, e ainda análise de conteúdos dos registos (desenhos de espécimes vegetais pelos alunos) apontam para um efeito positivo nos alunos. Nomeadamente no gosto pela disciplina de Biologia, na motivação para o estudo da botânica e noção de diversidade botânica.

Em síntese, diante dos resultados apresentados, as aulas de campo contribuem para a construção de conhecimentos científicos no ensino da biodiversidade botânica, uma vez que tornam o processo mais real; facilitam o processo de ensino aprendizagem da Biologia, visto que constatou-se ampliação do conhecimento e desenvolvimento do espírito crítico dos alunos acerca do assunto em estudo.

Com estas aulas, o aluno pode aprender observando de forma directa os objectos de

estudo, aprende através do manuseio e da formulação de hipóteses e da investigação.

Não se precisa necessariamente de muitos recursos para realização de aulas de campo, a Biologia está presente no nosso dia-a-dia, somos nós. Com esta metodologia é possível alcançar um dos objectivos desta disciplina que consiste em compreender a importância da protecção e conservação da natureza para o desenvolvimento sustentável e a contextualização do ensino a de acordo com o currículo do 1º ciclo e programa de Biologia .





Por Horácio Reis

SOU ESCRAVO DA PALAVRA, DA VERDADE E DA ÉTICA

Sou de outros tempos. Nasci na primeira metade do século passado. No rescaldo da segunda guerra mundial. Aprendi a profissão na tarimba do dia a dia. Com mais velhos que me passaram os meandros desta profissão que eu amo. Profissão que me foi inoculada como se de uma vacina se tratasse. É verdade sim! A Rádio é um bichinho que se entranha em nós e que não sai mais. Nós podemos sair da rádio, mas a rádio não sai de nós, nunca mais.

Aprendi a profissão de jornalismo radiofónico em directo, no dia a dia, com os que tinham a missão de passar o conhecimento de geração em geração. Não havia cursos específicos, não havia cadeiras de comunicação social. Não havia faculdades de jornalismo. A profissão era-nos passada pela geração que estava a sair...

Para além do conhecimento das técnicas da profissão, ensinaram-nos também a respeitar as pessoas independentemente de quem quer que sejam, a saber escutar o outro lado, a procurar, por muito difícil que possa ser, a verdade das coisas. Escutar ambos os lados, descurtir a verdade, e defender essa verdade a todo o custo.! Dar voz aos que não têm possibilidade de se fazer ouvir; os sem voz, como vulgarmente se diz na gíria radiofónica.

Procurar a verdade, defender a verdade. Isto implica naturalmente ser vertical, ser-se honesto. Ser escravo da palavra dada, mas também ser capaz de reconhecer quando se erra pois, errar é humano e só erra quem faz, no caso vertente, quem diz, quem escreve.

Reconhecer os nossos erros e ser-se capaz de voltar atrás, de corrigir mesmo sabendo-se que em comunicação social, o erro que se comete é sempre muito difícil de corrigir.

Porque um erro atirado ao ar, via rádio, TV ou impresso, atinge uma quantidade enorme de pessoas. Depois para corrigir precisamos de o fazer dizendo o correto no mesmo espaço e na mesma hora, para tentar atingir as mesmas pessoas e estas poderem perceber que se errou e se está a corrigir.

Complicado na verdade, porque geralmente, o que se disse inicialmente é que tem um forte pendor de ficar. O resto pode ou não ser entendido. Por isso, somos escravos da verdade, da palavra e de uma informação feita com honestidade, com ética.

Sobretudo a tremenda falta de ética que se verifica um pouco por todo o lado, causa-nos muita frustração. E revolta-nos, numa altura destas, escutar certos trabalhos que nitidamente se sabe que estão a ser produzidos apenas para queimar este ou aquele, não interessa se a pessoa em causa é responsável, executivo, ou seja lá o que for. Nem sequer está em causa a defesa do politicamente correto. Porque esse politicamente correto é muitas vezes dúbio. A defesa dos interesses da grande maioria que é o povo.

Porque infelizmente fala-se muito em defender os intreresses do povo, os direitos do povo, a qualidade de vida do povo mas o que conseguimos ver nesta imensidão de miséria que por aí grassa, é rostos de pessoas sofridas, de gente miserável que buscam nos amontoados de lixo, nos contentores das grandes cidades, algo para mitigar a fome. Porque nem todos têm comida, isso dá para ver...

Sou de outro tempo. Escravo da lealdade à verdade. Mesmo que saia lesado, procurarei defender sempre a verdade e a ética nesta profissão. Implica isto dizer, e defender, que os que não são verticais, honestos e éticos, têm o direito de existir, embora arcando com as consequências dos seus atos.

Sou contra os que usam e abusam do direito da livre expressão, embora defenda o direito que lhes assiste de se expressarem livremente, mas... haverá sempre um mas: com responsabilidade e dentro dos parametros que regem os ditames da profissão.

Sou de outros tempos, mas às vezes também saio da caixa. Defenderei sempre o meu e o teu direito à liberdade de expressão.

A uma informação livre mas, contudo, ética e responsável.

Condeno os que usam a comunicação social para tentar destruir pessoas, com base em mentiras. Porque não achamos que, nesta nobre profissão tenha lugar a expressão do vale tudo, mesmo tirar olhos.

Ser jornalista é ser-se honesto e categórico na defesa dos princípios universais da profissão. Ser-se ético é fundamental.





Por Gisela Borges

TEMPO PARA VIVER – UM TEMPO DE REFLEXÃO

Neste ensaio, gostaria de me debruçar sobre o valor do tempo que poderá ser dado ao lazer e ao entretenimento. Não vou, de forma alguma, desprezar o trabalho, mas considerar o descanso e o recreio como um meio para atingir o desenvolvimento pessoal.

Aliás, a célebre frase “quem não trabuca não manduca” está bem presente no meu pensamento. Mas podemos “trabucar” e descansar, não vá o trabalho, perigosamente, nos levar para uma escravidão sem precedentes.

Trabalho, trabalho e apenas trabalho... o trabalho que tanto orgulho e dignidade nos dá, pode-se transformar em “um ladrão do nosso tempo”. Um tempo que pode ser distribuído e planeado de forma equitativa, entre o lazer/entretenimento e o trabalho. Só conseguimos grandes realizações profissionais se existir um equilíbrio entre o labor e a actividade lúdica.

A Bíblia ensina-nos que há “tempo de plantar e tempo de colher”. Porque não referir neste ensaio à colheita, depois do plantio? Não pode haver descanso sem ter havido trabalho. Portanto, o descanso é merecido.

“Eu não posso comer peixe todos os dias, economizo para ir ao cinema e comer aquelas pipocas deliciosas, acompanhadas por um refrigerante bebido na palhinha!” É tão bom! São escolhas pessoais, de acordo com o destino a dar ao fruto do trabalho. Gostaria de atribuir alguma importância às coisas simples da vida.

Penso eu que da simplicidade se podem fazer grandes coisas. Quero começar a descartar a possibilidade de me tornar na totalidade um “Homo Faber” que não se pode distrair enquanto trabalha, que tem de ser produtivo a tempo inteiro e, que por força de uma dada profissão tem de ser artificial.

Porque estas são as características de grande parte do homem de hoje: o materialista, o tenso, o formatado para ser o “senhor perfeito”. Quem sabe, deixemos de pensar em ser as máquinas humanas em que muitos de nós nos transformamos - Afinal a época em que

vivemos remete-nos para uma sociedade a precisar de mais humanismo e ávida por mais tempo livre e menos tempo de trabalho.

É importante perceber, na visão de alguns autores, que o “lazer não é ociosidade” e “as férias não são a fuga do dever, para ficar de pernas para o ar”, é uma carência que os humanos precisam para ajudar a melhorar o seu bem-estar físico, mental e emocional. Só com este equilíbrio, o “Homo Ludens” terá “tempo de viver um tempo de plenitude”.

Eu pessoalmente gostaria de poder identificar-me com a definição de “Homo Ludens”, aquele que se caracteriza por uma tendência para rir, para o prazer, para jogar...para não me debruçar em reclamações constantes por mais tempo livre. Infelizmente não é possível porque tenho uma tendência natural para um arregaçar de mangas constante. Mas defendo que é importante darmos atenção ao que temos de mais pessoal, o tempo de cada um, importarmo-nos com o viver a espontaneidade de uma criança, com o tocar de um instrumento musical, com o estar relaxado.

Afinal, quem não quer sentir-se relaxado a observar a beleza de um arco-íris depois de um dia de chuva, sem olhar para o controlador do tempo: o relógio (porque o dever o chama)? O estar relaxado pode significar estar receptivo ao meio ambiente. E aqui, olho com mais atenção para a palavra ócio que pode significar um “momento criativo”. Provavelmente diria: “Bendito o trabalho, depois de umas férias merecidas, sem pressão nem controladores de tempo”.



Tempo para viver, um tempo de reflexão. Olhando para este título, uma declaração marcou-me: “**Todos os meus bens por um pouco mais de tempo**”, de Rainha de Espanha, Isabel I.

De facto a utilização do tempo que temos disponível, deve ser pensada se quisermos que o nosso tempo seja bem empregue. Antes dos relógios existirem, todos tinham tempo. Hoje todos têm relógio, e muitos não têm tempo (alguém o disse).

Cada um de nós tem de encontrar o seu tempo, basta que para tal se encontre disponível a procurá-lo e, em seguida, usá-lo de forma coerente. Entendo, como alguns autores, que o tempo é o nosso maior património, não ia a Rainha Isabel I dar “todos os seus bens por um pouco mais de tempo”.

Era um património que ela não dispunha. Porque o tempo detém características e atributos únicos e, porque o agora é a única certeza de poder realizar algo.

Exupéry referiu: “**Vivam o hoje, porque o ontem já passou e o amanhã talvez não chegue**”. Dentro de uma perspectiva de satisfação, penso que devemos usar esse tempo, esse hoje, esse agora, de maneira mais efectiva em nosso quotidiano.

Tempo é uma questão de prioridade, o que, nos remete a um planeamento e organização. Em jeito de conclusão vale dizer que vivemos num tempo em que a vida corre a um ritmo acelerado, que nos tira o folego e nos coloca distraídos olhando apenas para o “eu” e, não para o “nós”. Vivemos como o Coelho da Alice no país das maravilhas, sempre atrasado e dependente de um relógio que não lhe permite viver as coisas simples da vida: a família, os amigos, a natureza, o ambiente à nossa volta...

É necessário planificar, agendar e executar, distribuindo de maneira racional e coerente, as vinte e quatro horas que todos temos à disposição. Só assim podemos desfrutar do tempo, hoje. Um tempo para viver.



Por Cistóvão Marcos Benga Chivela

INDEMNIZAÇÃO POR VIOLAÇÃO DOS DEVERES CONJUGAIS (parte I)

Um olhar à violação do dever de Informação sobre o estado de saúde dos cônjuges.

Constituído assente que o casamento ao longo dos tempos encerra um facto de relevância pessoal e social, sendo que, de época em época, a forma como a sociedade viu, e afinal hoje mira para o casamento, consequentemente para os poderes-deveres dos cônjuges, mudou conforme os valores e interesses familiares se entrelaçam em relação à abrangente dimensão sociológica, antropológica e psicológica da sociedade local e global.

Assim, a relação matrimonial hodierna teve como ponto de influência um período do luminismo, sendo que, neste período, se solidificou a consagração do princípio da laicidade do Estado, rompendo com alguma tradição quase absoluta, na qual o casamento era tido como sacramento, uma instituição religiosa que em princípio não podia ser dissolvido por via do divórcio, diferente e para contrapor, e já no período em referência, consagrou-se a laicidade do Estado, que neste ângulo, sugere a substituição da autorização e alguma intervenção directa dos sacerdotes para a realização do casamento, pela autorização, intervenção de um órgão, agente ou funcionário estatal, que no caso do direito angolano, é o Conservador de Registo Civil como vem tabelado nos termos do artigo 34.º n.º b), Código de Família Angolano (doravante C.F), condicionado assim a união voluntária entre um homem e uma mulher ao reconhecimento nos termos da Lei (artigo 20.º do C.F), isto é, uma clara sustentação da validade exclusiva do casamento civil, afastando assim a validade do casamento religioso.

Para além da intervenção obrigatória referida, o consentimento dos nubentes enquanto fundamento para o casamento ficou resguardo dentro da capacidade matrimonial

em razão da idade e ausência de qualquer impedimento matrimonial, já que, a existência da capacidade matrimonial, isto é, a incapacidade matrimonial obsta a realização do casamento, fundamentalmente, quer por razões de ordem pública (casamento sem idade núbil, casamento por e com dementes ou inabilitados ou duplo casamento), ou por razões de ordem ética, moral ou religiosa (casamento entre parentes na linha recta, casamento entre pessoas do 2.º grau da linha colateral e casamento antecedido de concubinato em todas as suas formas).

No final, tais impedimentos resultam do sublime objectivo do casamento, uma plena comunhão de vida, uma comunhão de mesa, cama e habitação.

É com e da plena comunhão de vida, que o casamento toma um sentido de relação pessoalíssima, já ensina o professor Guilherme Coelho um contrato outro, não um contrato comum de direitos e deveres, mas um instituto cujo conteúdo emana rigorosamente os poderes-deveres conjugais.

Nesta ordem de ideias, a relação matrimonial se constrói dentro dos poderes-deveres de respeito, poderes-deveres de fidelidade, poderes-deveres de coabitação e poderes-deveres de cooperação entre os cônjuges, como tabelam os artigos 43.º a 48.º do C.F.

Os poderes-deveres acima enumerados, para além de abrangentes, ajuando-se entre os cônjuges o casamento monogâmico, isto por via da exclusividade, até a ajuda mútua no lar, são também poderes-deveres meramente exemplificativos, isto é, pode existir outros poderes-deveres que vinculam os cônjuges sem necessariamente estarem previstos nos artigos acima enumerados, aqui ressalta desde logo um poder-dever não mais importante ou menos do que os outros enumerados, mas um poder-dever cooperante, complementar, isto é, o poder-dever de informação entre os cônjuges.



A informação entre os cônjuges podem ser mais ou menos importante, mas quando incide sobre o estado de saúde dos nubentes e cônjuges, a mesma deve ter um tratamento especial, uma importância e afinal um poder-dever especial de informação.

Na área da saúde e, em especial, na actual política de saúde familiar, essa importância assume um papel fundamental, visto que almeja-se fazer do núcleo familiar o principal foco e objectivo de cuidado e atenção, de modo que, fica fácil, identificar combater-se os níveis crescentes de expansões de doenças.

Deste modo e, se por um lado a observação e o histórico familiar são importantes estratégias para se obter informações para o planeamento das acções em saúde no geral, por outro lado, é por via dos actos preparatórios para o casamento (namoro e noivado), bem como, durante casamento onde verifica-se um canal de transmissão de doenças, que podem afectar o real e harmonioso desenvolvimento da futura família ou da família já constituída, instalando-se o estado de doença, preocupação é extensiva ainda com a transmissão de doenças hereditárias que podem resultar também da união entre duas pessoas.

Esta possibilidade de perigo à saúde do grupo familiar constituída ou à constituir-se em virtude do casamento, vezes sem conta, advém da inobservância do dever de informação que os nubentes e os cônjuges estariam vinculados.

Admite-se que com a comunhão de cama, os cônjuges praticam acto sexual acompanhado de cópula ou coito, desta feita, ensina a professora Maria do Carmo Medina que as legislações de muitos países exigem dos nubentes um certificado comprovativo de que eles não padecem de doenças contagiosas ou hereditárias tendo em vista a protecção da saúde da sociedade no geral.

Nestes casos, não se pode celebrar casamento sem apresentação de um certificado pré-nupcial, emitido por um médico, que declara o nubente fisicamente apto a contrair matrimónio e atestando não serem eles ou um portador de doença hereditária ou contagiosa e, quando forem, que o outro saiba da situação antecipadamente.





Por Gabriel Chinanga

A CULTURA COMO FACTOR DE DESGRAÇA DO POVO

É difícil crer nisso, de facto, há conceitos e ideais que precisam de ser ou contextualizados ou, então, ultrapassados; algumas culturas carecem de actualizações mas, se virem bem ao cimo desta reverberação, notarão um adjectivo vinculado ao nome cultura, que é nocivo e infesto. Pusemo-la porquê? O que é, grosso modo, cultura?

Ora, os dicionários de língua portuguesa definem cultura [...como...] aquilo que é cultivado. Esse conceito nos parece engraçado e inacabado porque suscita mais a seguinte pergunta: o que é cultivado então? Conforme os mesmos dicionários, são: a educação, instrução, a sabedoria, etc. Não no-lo diria seguramente o determinista, todavia, parece-nos, a nós, que a palavra cultura carrega consigo bons significados, mas então qual é a extensão semântica desta palavra? Segundo Edward B. Taylor, antropólogo, a cultura é "todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelos "humanos" como membros de uma sociedade".

Até aqui esta palavra cultura só nos presenteou com bons significados. Assim, surge mais uma pergunta: porquê então no cimo desta reflexão, no título, há um adjectivo nocivo DESGRAÇA, sabendo que o substantivo anterior só acarreta boas qualidades semânticas? Bem, para respondermos a essa questão, teremos de viajar até ao Sul de Angola, na província da Huíla, no município do Quipungo, na cultura propriamente Nyaneka Humbi, do qual fazemos parte em virtude dos ancestrais da parte paterna.

Reza a história que este povo, e outros da mesma linhagem, os nascidos de uma irmã têm mais privilégios que os próprios filhos. Dito doutro modo, eu, por exemplo, se tiver um filho, este não teria mais direitos que o meu sobrinho, filho da irmã. Sabem o que acontece quando o pai duma família morre? Os espólios

todos são divididos entre os sobrinhos e irmãos, deixando a família, mulher e filhos, no alheio, ao relento sistematicamente.

Lamentavelmente, quando conversava com o meu pai e perguntava-lhe a razoabilidade pela qual se sequenciam esses hábitos e costumes, mesmo sabendo que já não mais estávamos na era das cavernas, simplesmente respondeu-me que fazia parte da nossa cultura desde os tempos longínquos; neste caso, isso não acabará agora, talvez vocês e outros que vêm isso como abominação, é que poderão inovar e mudar.

Mas se cultura significa aquilo que é moral, educação, instrução, será que a prática de deixar pobre uma mulher que trabalhou e lutou para que conseguisse, com o marido e filhos, bens materiais, depois de falecido o marido, aqueles que nem sabem das lutas travadas por esta família, é que ficam com esses bens, será essa prática cultural é mesmo cultura no verdadeiro sentido?

A nosso ver, não porque tudo que atropela os padrões morais universais é, ao invés de cultura, acultural, aquilo que fere os direitos da humanidade, não é cultura senão desgraça e crença cega. Precisam-se construir sociedades pensantes e desconstruir ideais e preceitos que não abonam a vida, é preciso, ainda assim, usar o rácio para actuarmos com responsabilidades e humanidade nos direitos das pessoas. Em meio à onda da linha gritante dalgumas culturas, é imprescindível que se tenha gente de personalidade solar, gente com conhecimentos da noção de nação e humanista.

Essa cultura, diga-se, se não for moldada, estará longe do conceito cultural. O que mais nos deixa infeliz é o facto de esta actividade homicida ser praticada até hoje por esses povos e outros ligados aos mesmos hábitos e costumes.

Não se pode admitir que alguém, nas madrugadas chuvosas, com os filhos e marido,

vai à lavra plantar, fazer evoluir seus negócios, dias e noites, planeando como poderão enfrentar os desafios de falta de chuva para irrigação e de medicamentos para seu gado e basta que o marido morra para que este esforço seja reduzido a nada.

É bastante desumano e acultural alguém não ter direito àquilo que é seu por direito humano. Mesmo que o esposo falecido deixe um testamento, enxovalham a família e este testamento perde peso ante a ganância de quem, se calhar, quando esta família lutava para construir sua riqueza, nenhum esforço fez neste para ajudar neste desafio.

" Em parte, culpar-se-ia a ossatura educacional angolana que, de ferro e fogo, apresenta largos desafios, problemas e complexidades que se inter-relacionam com o panorama político, económico e social do país. Esse quadro tem, em sede da historiografia, a sua origem em um processo que não é novo e que não pode ser dissociado de um contexto mais humanista e, transversalmente a isso, histórico. Promovamos a cultura e sejamos mais humanos", (Paulo Muanda, revisor linguístico).

"Anexo de Valdemar Ribeiro"

Nesta análise, é importante considerar que estamos em pleno século XXI aonde a tecnologia e o DNA são ferramentas novas determinantes para se diluírem as dúvidas consanguíneas e, respeitando a evolução humana, este tempo novo permite que se busquem novas soluções para velhos problemas ancestrais

O mesmo se passa com a mutilação genital feminina, hábito ancestral mutilador do género.

A dúvida antiga que não permitia afirmar com rigor a paternidade ou maternidade dos nascidos, esbateu-se hoje sem qualquer hesitação.

FÁBRICA DE ENGARRAFAMENTO DE ÁGUA 'PRECIOSA'

GRUPO 'O REGENTE'

Lubango / Huíla / Angola

+244 923 407 949

+244 923 627 378

aguapreciosa.adm@gmail.com

www.aguapreciosaangola.net



Uma empresa moderna global
que busca a excelência, precisa
ter o foco nos aspectos sociais,
ambientais e economicos.



Por Chia KMK

A POESIA DA FOME

Toda sociedade, (a história) tem uma forte relação com a literatura, assim como todo autor tem uma relação com a sua obra.

A sociedade tem os humanos que produzem a sociedade na base das mais variadas formas de literatura. É por isso que é atentatório pensar que uma sociedade molhada só pode ser produzida por humanos que têm muita água, servindo também o contrário.

Neste caso, também se pode então dar corpo a dizeres como “Toda a sociedade é o reflexo dos humanos que a fazem”, porque estes só podem produzir uma sociedade que eles podem produzir porque se quem não tem não pode dar, então quem dá só pode dar o que tem.

Ora, “a literatura, segundo (Barcelos, 2009, p. 51), pode tornar-se, constituir-se, em uma forma de aproximação de homens e mulheres com as demais coisas, pertencentes todas(os) ao que Paz denominou de “imenso armazém de coisas chamado universo”. Um “armazém de coisas” onde tudo se comunica com tudo. Onde o líquido que circula em um, é/ foi, o mesmo que circulou em outro”.

Da mesma forma que há esse universo que é a totalidade do global ou a globalidade do total, também há outros universozinhos espalhados por tudo quanto é canto e cada um atendendo-se a si próprio, à medida em que vai procurando entender cada outro por vários motivos e finalidades.

Na nossa urbe, cabe procurar entender porque a poesia é da fome. Essa poesia mesmo, que também é um pequeno universo de alguém ou para alguém, que pulula pelas ruas e abanca em cada esquina, escancarando uma tamanha boca que por ela espreitando daria para ver o que resta numa barriga cujo estômago teve de digerir os intestinos antes de ele próprio sucumbir.

Essa poesia da fome que olha o mundo a passar e segue-o com o olhar rectilíneo de olhos cujo cristalino já vitrificou há bom tempo, restando apenas a íris ameaçando a pupila de

engolimento.

Essa poesia da fome está por cá disseminando-se em cada dia, fazendo um turno único do despontar da aurora ao vespertino, sublimando-se de seguida e só graças ao poder de resiliência que possui continua o ciclo na aurora seguinte fazendo-se visível.

Essa poesia da fome que deambula pelas artérias, de dedos esticados, forrada nas suas quase lamúrias, de múcuas suspensas, no tronco ossudo cor de bronze antiquado... tem vida.

Essa poesia da fome tem uma vida que fala por muitas outras vidas que, arrastando-se, ainda não atingiram as avenidas nem as esquinas, mas que, tarde ou cedo, conseguirão.

Conseguirão sim e espalharão o seu aroma vitelino por entre as brechas e bainhas da urbe como que por vingança por um dia este lugar já ter sido o seu lugar.

Sim, o seu sítio de ficar descansando à sombra de uma espinheira observando o pasto opulento herdado de seus antepassados temidos e queridos com orgulho.

Essa poesia da fome que por uns é manejada na base de interesses, por outros é admirada, também por certos interesses, enquanto para outros tantos é vilmente ignorada, às vezes desprezada, outras vezes insinuada.

Mas eu quero soletrar aos poucos, dessa poesia da fome. Quero interiorizá-la semântica e sintacticamente para enquadrá-la, se possível, numa morfologia revolucionária, que, com o clima, brinde com o suco de uma rima o significado escamoteado do Séc XXI.

Quero viver com a vida dessa poesia da fome, para experimentar o amargo da dor que nela está e transmitir a experiência para os muitos afortunados de ideias melódicas para que saibam um pouco do que é ser-se algo no contexto da literatura humana.

Será pedir muito, também?





Por Hélio Sózinho

ÁFRICA SANGRANDO

Há quase um século independente, a África ainda suporta as lesões que os seus filhos provocam ao expatriar-se ao encontro dos seus “civilizadores”, numa celeridade sem progressos, dando lugar a “fuga de cérebros” (*brain drain*, em inglês) que iniciou nos anos 1980.

Jovens, “saem” desesperadamente do continente, representando um handicap para o desenvolvimento do continente, onde já existe grande escassez de quadros, fundamentalmente na África subsaariana.

A excitação resulta do desencanto, devido ao incumprimento dos acordos num contexto cujo discurso da narrativa, já não convence nem sequer uma criança. A quebra das promessas, projectos fracassados, descoberta das mentiras, lustrosas, conjugado com a nauseabunda burocracia, conflitos pós-independência, maldição dos recursos, desvalorização dos quadros, elevado custo de vida, falta de energia, água, acesso, problemas religiosos, telefonia, internet, transporte, entre outros, misturados as ideologias políticas mal interpretadas e aplicadas.

Os estudantes na diáspora, terminados os estudos, encontram dificuldades de regressar, preferindo desta feita permanecer no estrangeiro, mesmo submetido a condições medíocres. Emigrantes com as habilidades de que precisa o mercado de trabalho local, como as indústrias, a saúde, educação, computação, finanças e tecnologia, rumam para países como França, Bélgica, Alemanha entre outros que, apresentam melhor proposta de um caminho com maior mobilidade internacional.

Por esta razão, os jovens estudantes no estrangeiro, passaram a empenharem-se e escolher cursos que lhes permitem adquirir habilidades atraentes, que não se adequam necessariamente aos objectivos de desenvolvimento, orientações e prioridades dos países de origem, mas que encontrem oportunidade de trabalho no mercado mundial, dando prioridades ao desenvolvimento profissional para a realização pessoal ou



familiar, tendo tomado posições que os remete numa perspectiva sem intenção de retornar aos países de origem, alegando factores retro mencionados.

Destacam-se principalmente os professores, pesquisadores, equipes de saúde, tecnologia da informação, telecomunicações, finanças, biotecnologia, nanotecnologia, Hiper automação, inteligência artificial, ciber-segurança, reconhecimento facial, a robótica, youtuber, coach, que por via de programas rigorosos de treinamento, liderança e desenvolvimento profissional, competências, experiências, entendimento de oportunidades mundiais e costumes locais, ajudariam a fortalecer e melhorar o ambiente profissional eficiente bem como alargar e criar novos espaços laborais nos seus países.

Cérebros forjados nos regimes dos seus países, as suas actuações têm sido vistas como principais críticas dos regimes, uma vez experienciadas outras convívências, todavia sublinha-se aqui, que não queremos resvalar para o erro da generalização, sabendo que uma boa parte, tem sido prossecutora de regimes alguns deles desenganadamente criticados.

Os países não parecem preocupados com o êxodo, ao mesmo tempo que procuram for-

talecer os laços sobretudo com os antigos colonizadores, pois quanto mais distantes os críticos estiverem, melhor exercerão o seu poder, sem pressão de nenhum quadro ou cérebro ameaçador.

Uma rede universitária, científica, académica, cultural ou até desportistas na diáspora estabeleceria uma vasta unidade africana, entre vários países de origem. Neste caso a inclusão da rede da diáspora africana no mercado local de competências, garantiria a confiança, de permanência e segurança nos seus países de origem e geraria condições em ambiente de trabalho, assim como favoreceria sucesso profissional, dos africanos sem ter que sair dos seus próprios países.

A gestão de talentos, poderia ser uma das saídas de transformar a “fuga de cérebros” em “distribuição de quadros”, evitando contar constantemente com os quadros importados, quando se pode muito bem influenciar os jovens académicos a empregarem o seu conhecimento no fortalecimento socialização internacional, no sentido de criar caminhos para novas formas de cooperação, novos modos de desenvolvimento dos países africanos, num mundo cada vez mais exigente.



Por Mille Tavares

ORALIDADE E ESCRITA: UMA ANÁLISE SUCINTA

Quando o aluno ou falante apresenta duas formas diferentes de grafar uma palavra, ou seja, ora a palavra escrita de forma correcta, ora escrita como se estivesse diante da oralidade, terá dificuldades imensas em seguir seus estudos de português, precisando de um auxílio ou orientação para que supere tal dificuldade, pois exige-se mais no processo da escrita (repleta de padronização) do que na oralidade, pressupondo domínio da língua por parte do falante ou aluno.

Se um mesmo falante ou aluno, numa redacção, grafa de forma correcta a palavra, mas em seguida escreve-a de forma errada como se estivesse a usar a oralidade, para alguns autores, quer dizer que o aluno está a transpor para a fala algo que a escrita ortográfica insinua (ou que faz lembrar a fala artificial do outro falante de quem se ouve).

Tendo em conta a realização aturada da língua em sala de aula, sabe-se que se trabalha mais com a língua escrita, mas é com a língua oral que se dá o seu uso mais comum no dia-a-dia do aluno. Além disso, a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa a sua língua materna quando entra na escola e a sua fala pode apresentar marcas ao passar para a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização, já que a oralidade tem modos próprios de organizar, desenvolver e manter as actividades discursivas. Isto permite-nos entender um pouco mais as relações sistemáticas entre oralidade e escrita e suas influências mútuas.

Produzir um texto é uma tarefa difícil, tanto para o professor que ensina como para o aluno disposto a aprender, pois fazer produções textuais exige disposição, conhecimento do mundo, uma intenção, objectividade, coerência, leituras diversas, entre outros pontos de vista indispensáveis para uma boa redacção.

A oralidade é diferente da escrita sob muitos aspectos, pois cada uma dessas modalidades tem características próprias, mas uma influência a outra, especialmente a oralidade na escrita, deixando marcas tal como já se fez referência acima.

Os gramáticos afirmam que a oralidade é mais fácil, mais usada em nosso dia-a-dia, permite-se alguns “erros”, obviamente sem exageros. A escrita é mais complexa, rígida, rebuscada obedecendo à norma. A oralidade talvez por ser mais usada deixa, muitas vezes, suas marcas em textos escritos.

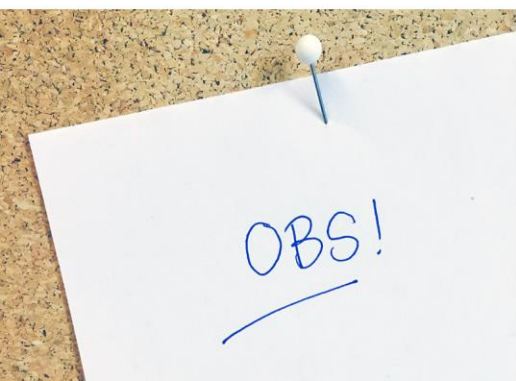
Ambas são realizações de uma mesma gramática, mas há variação na forma pela qual as actividades linguísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido as diferenças temporais, sociais e individuais. Sob essa visão, pode-se aduzir que a escrita tem uma forma canónica e muito mais convencionalizada do que a oralidade.

Desse modo, tanto a oralidade como a escrita devem ser trabalhadas na sala de aula. Não como dois processos radicalmente opostos, mas apenas diferenciados, pois a aprendizagem da escrita deve ser mediada pela oralidade, de modo que os alunos percebam as propriedades e funções de cada uma delas.

Assim, no texto oral, há presença constante de elipse, uma maior liberdade quanto às exigências de concordância verbal e nominal, o vocabulário é mais genérico do que o exigido no padrão escrito, onde determinadas expressões por mais que pareçam inaceitáveis na escrita, conferem na oralidade uma certa aceitabilidade gramatical.

Em contrapartida, o texto escrito não pode

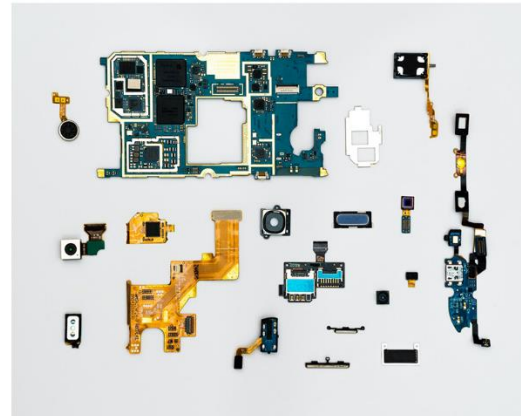
haver repetição de ideias, ou seja, redundância, as orações são, na sua maioria, justapostas ou coordenadas, havendo pouca incidência de subordinação.





Por Alê Borge

A CONQUISTA IRREVERSÍVEL DA HUMANIDADE



Grças aos processos industriais tecnológicos, hoje o mundo já não é o mesmo de há cem anos atrás. Esta evolução tomou conta de quase tudo e tem sido um grande ganho para todos, visto por um ângulo positivo.

-A comunicação hoje é praticamente gratuita, os pagamentos são feitos num clique, as doenças vão sendo erradicadas e tratadas, e graças às indústrias farmacêuticas hoje é possível viver bem mesmo sendo portador de uma doença crônica, o que era quase impossível há séculos. A expectativa de vida vai aumentando em algumas partes do globo e consequentemente a densidade populacional vai aumentando também, o que pode ser um benefício ou não.

É certo que tal desenvolvimento trouxe benefícios visíveis, mas, por outra, parece que a classe trabalhadora vai desaparecendo aos poucos; antes era necessário um número considerável de trabalhadores para produzir os bens essenciais de primeira necessidade e de outros tipos.

Hoje a força de trabalho está a ser substituída por máquinas e para fazer as máquinas funcionarem é preciso um número reduzido de trabalhadores e, por conta disso, os trabalhadores deixarão de ser em número consideravelmente grande nas profissões tradicionais e as novas profissões serão mais tecnológicas, com menor número de pessoas a laborarem e serão certamente mais diversificadas.

Os humanos talvez agora possam escolher suas ocupações trabalhistas em função do que mais gostam de fazer e isso permite um modo de vida mais prazeroso e equilibrado.

E com o surgimento e aplicabilidade da inteligência artificial, os técnicos, engenheiros e cientistas também poderão ser substituídos por scripts (algoritmos) e assim reduzir mais ainda o número de trabalhadores necessários para a produção pois as máquinas serão autônomas.

Portanto, vemos que a população vai crescendo na mesma proporção que o desemprego relativo às tradicionais profissões também vai aumentando, mas em relação às novas profissões, estas vão sendo prestadas por pessoas mais habilitadas tecnologicamente.

-Será que esta conquista irreversível da humanidade poderá trazer mais satisfação no viver de cada um? Esta substituição dos humanos pela máquina trará um maior equilíbrio ao viver?

São muitas as questões, mas é certo que, por agora, os benefícios são bem visíveis e não temos muitos motivos para questionar a benignidade de tal conquista.

Esta substituição da força física pela tecnológica, enquanto o controle e melhoria da qualidade da produção, é feito através do desenvolvimento do conhecimento técnico-científico.

“O espírito humano precisa prevalecer sobre a tecnologia”.
Albert Einstein





Por Antónia Kuzanga

JURISPRUDÊNCIA

Domus Iustitia(casa da Justiça), assim são intitulados muitos tribunais angolanos, onde todos os cidadãos, em algum momento de suas vidas, vão à procura de justiça, na esperança de que os juizes, mesmo alguns tendo pouca experiência, decidam da maneira mais democrática, justa e sábia, embora se admita que a justiça depende muito do ponto de vista de quem analisa e julga.

Os Tribunais são casas aonde a democracia, a ciência, a justiça e sapiência devem imperar.

Desde a antiguidade que os tribunais são tidos como casas de respeito e ordem. O juiz na sua decisão soberana é visto como um cidadão instruído com uma capacidade elevada para a resolução de conflitos e seu papel é analisar os casos com imparcialidade, isento de qualquer sentimento relacionado ao caso ou até mesmo qualquer imbróglio.

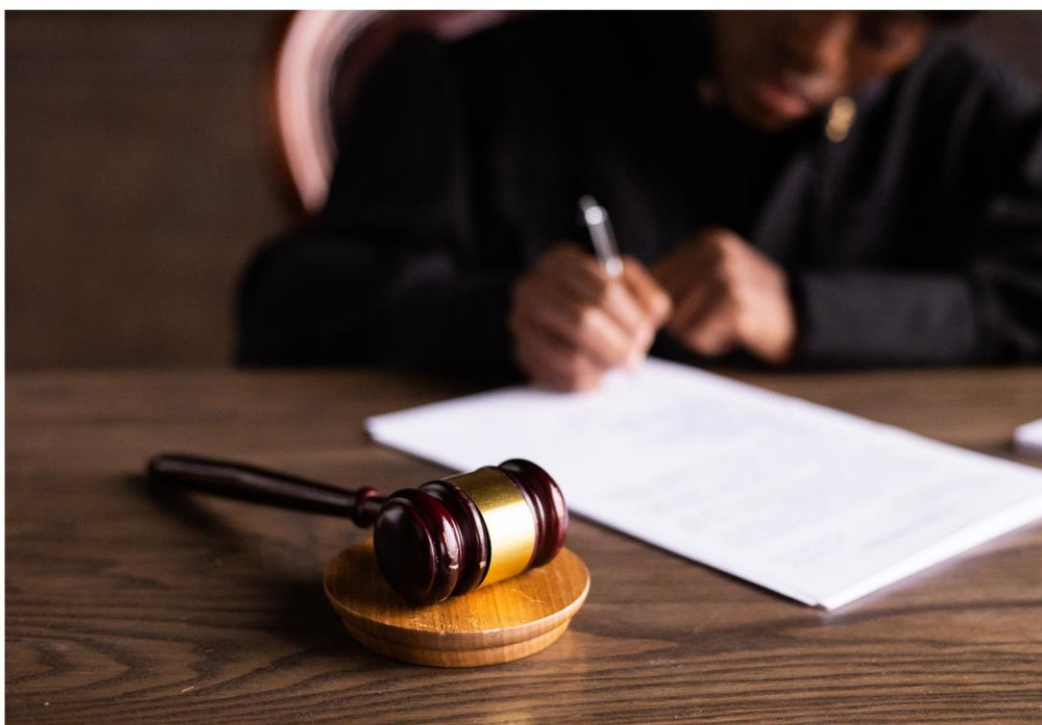
As decisões dos Tribunais, nos termos do artigo 177 da carta Magna de Angola, têm de observar a Constituição do país e demais dispositivos legais bem como os interesses legítimos dos cidadãos e das Instituições.

Os Tribunais decidem sobre a legalidade dos actos administrativos mas infelizmente, ao que parece, há processos em que o cidadão clama por justiça real junto dos Tribunais mas os interesses legítimos dos cidadãos são postos em causa pois as decisões são fundamentadas em sentimentos pessoais e não imparciais.

Em todos os países há uma jurisprudência mas parece que em Angola não há.

Questionado, o juiz responde, por vezes, que “tal decisão” está de acordo com os preceitos legais (dura lex sed lex). Isso faz lembrar como é estável o sistema jurídico norte americano e outros em que a decisão do juiz prevalece em relação à lei, um sistema jurídico em que de facto a equidade funciona como um dos fins do direito, a jurisprudência também funciona.

Hoje em Angola vive-se numa sociedade em que o cidadão por vezes questiona se de facto vale a pena ir ao tribunal em busca de justiça. Então tribunais Angolanos “Quo Vadis”?



Parece que Angola não evoluiu no sentido de ter uma jurisprudência, após quarenta e cinco anos de independência. Quando se busca uma base de dados da jurisprudência angolana, tem sido muito difícil encontrar os registos de todas as sentenças julgadas pelos tribunais angolanos.

Estamos no século XXI, século da tecnologia informática aonde os cidadãos são

apoiados pela tecnologia e se tornam quase biónicos pois passaram a ter uma capacidade mental muito superior ao tempo antes destas tecnologias e dessa forma podem analisar e decidir de uma forma muito mais ampla, justa e sábia.

Não se justifica que até hoje seja difícil aceder à base de dados da jurisprudência angolana. Está a parecer que os juizes não acompanham este desenvolvimento importantíssimo no sentido dos tribunais serem casas de justiça realmente.

Para quando uma base de dados da jurisprudência angolana? Quando as Universidades vão poder pesquisar e elaborar essa base de dados da jurisprudência angolana juntamente com os Tribunais?

Só após a existência desta base de dados, os Tribunais terão uma base substancial e elaborada para julgar e decidir com plena certeza da democracia, equidade da justiça e sapiência. Mas até lá? Como se deve proceder? O tempo urge após estes quarenta e cinco anos de independência.





Por Beto Agostinho

AGOSTINHO NETO “MORREU POBRE” PORQUE “ERA UM HOMEM HONESTO”

Conte-nos mais alguma coisa.

Há conversas que ele teve comigo e com o Mendes de Carvalho – normalmente estávamos sempre os dois – que me impressionaram. No DOM – regional, não tínhamos equipamentos. Ele foi lá uma vez e a população queria vê-lo e ouvi-lo. Tínhamos um megafone pequenino, emprestado pelo DOM – nacional, cujo som mal se ouvia.

Dois dias depois, mandou-me chamar e perguntou-me como é que fazíamos os comícios. Pediu-me para fazer uma relação daquilo que era preciso e mandou-me entregar à camarada Guiomar, a sua secretária.

Passado uma ou duas semanas, a camarada Guiomar, por telefone, disse-me que o Presidente mandou-me chamar. Fui ao Palácio, e, quando lá cheguei, Agostinho Neto deu-me um salvo-conduto e um maço com notas de dólares para viajar para Portugal, para a compra de produtos, como megafones, que não haviam no país. Depois de receber o dinheiro, ele olhou para mim e disse-me: “camarada Beto Van-Dúnem, não se esqueça de me trazer as facturas de tudo o que comprar e as do hotel onde estiver alojado”. Fiquei a olhar para ele um pouco meio apatetado. Ele, como talvez tivesse notado em mim alguma coisa, disse: “olhe, quando estou a pedir isso, não estou a pedir por desconfiar de si, estou a pedir porque eu tenho que apresentar contas”.

Talvez por ingenuidade ou mesmo por ignorância – era ainda novo e não conhecia as engrenagens governamentais-, perguntei: “então, o camarada Presidente também apresenta contas?” Ele olhou para mim, seriamente, e disse: “o que é que o camarada Beto Van-Dúnem pensa que sou? Eu não sou o dono de Angola, sou o Presidente da República Popular de Angola e tenho que dar satisfações a este povo daquilo que faço. O camarada que traga tudo para eu depois ir à Contabilidade entregar o justificativo do dinheiro que pedi”.

Passados anos, quando me chama para dizer que eu tinha que ir para o Comércio Interno, depois da conversa que mantivemos, levantou-se e acompanhou-me até à porta. Quando chegou à porta, pôs uma mão sobre o meu ombro e disse: “o camarada vai para o Comércio Interno, mas vai prestar contas, porque o camarada não é o dono do Comércio Interno. É um servidor público e, como servidor do Estado, tem que dar satisfações ao povo a quem você serve”.

E a história do televisor?

O televisor é uma história que eu já contei várias vezes. A secretária de Neto telefonou-me, porque o televisor dele tinha avariado. Ele pediu para ligarem para mim, para ver se lhe mandavam outro televisor. Foi posto um televisor novo, porque o que lá se encontrava estava completamente queimado. Dois dias depois, a secretária telefona-me a dizer que o camarada Presidente mandou perguntar quanto custou o televisor. Eu disse para a secretária que era uma oferta da empresa.

Numa reunião do Conselho de Ministros, a secretária disse-me que o Presidente me estava a chamar. Entrei e, já sentado, no seu gabinete, o Neto olha para mim e diz: “é assim que os camaradas querem governar este país?” Só porque uma pessoa é Presidente da República, compra uma coisa e não paga? Quer dizer, eu, amanhã, se for a uma “stand” qualquer de automóveis, chego lá, tiro um automóvel e não pago? Vou-me embora sem pagar, porque sou o Presidente da República? Diga-me quanto é que custou o televisor, porque se não é para pagar, pode mandar alguém buscar o aparelho”.

Qual foi a sua reacção?

Saí de lá meio envergonhado. Quando cheguei,

no dia seguinte, ao Ministério, disse para passarem a factura e telefonei para o Futungo, para darem autorização para a entrada do homem que levava a factura.

A camarada Guiomar, à tarde, telefonou-me e disse-me o seguinte: “camarada Beto Van-Dúnem, o camarada Presidente diz para não pôr na factura Presidência da República, ponha em nome de Agostinho Neto, porque o televisor é dele, é de quem vai pagar, com o dinheiro dele. E não se esqueça de pôr na factura PAGO”.

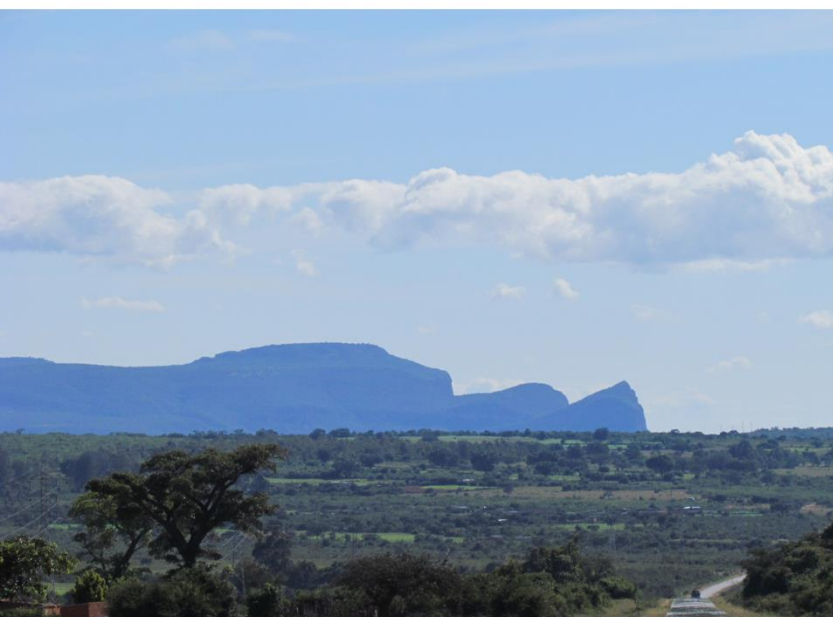
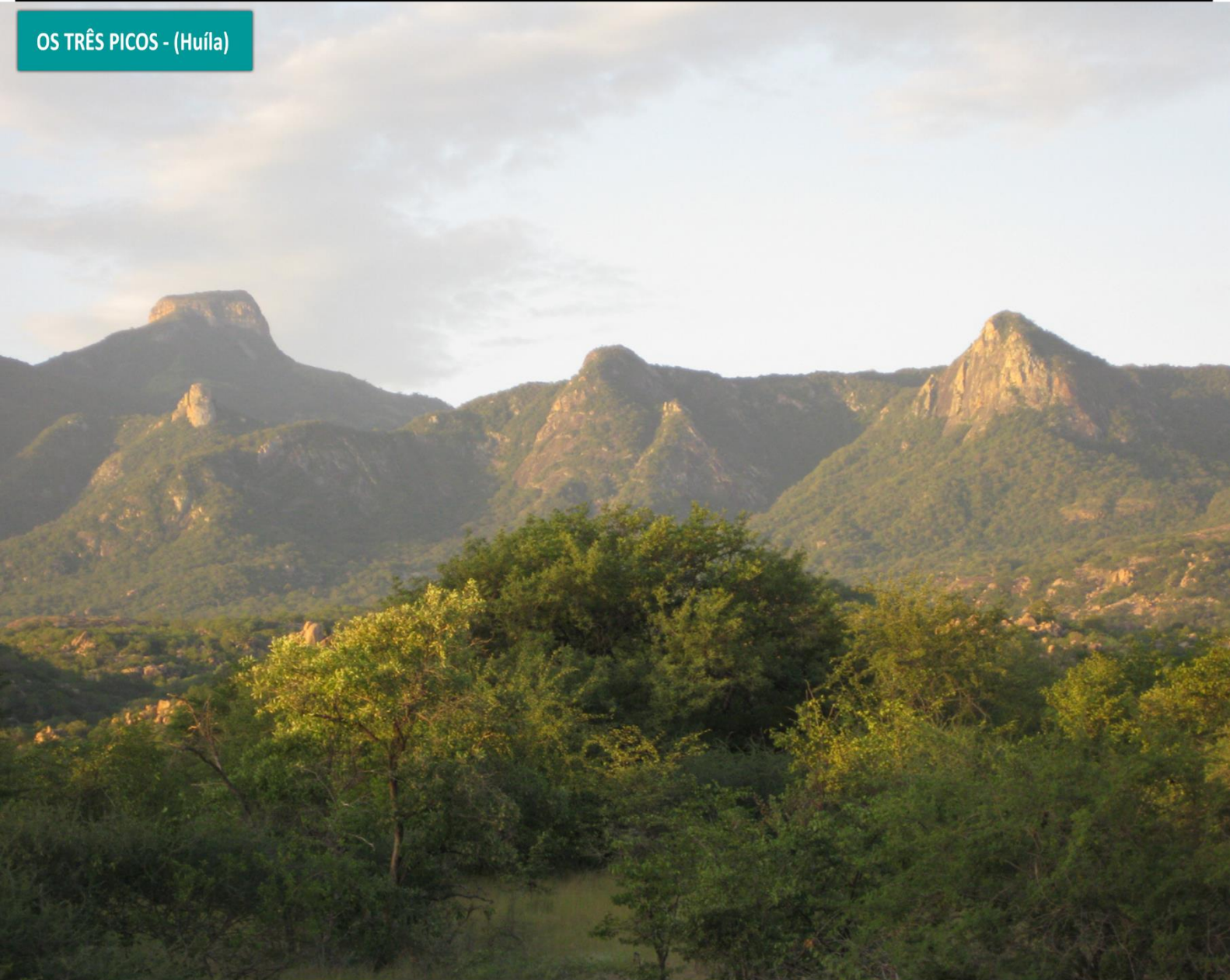
O Neto era um homem honesto, não vivia deste país e é por isso que morreu pobre.

Durante todos esses anos, nunca se especulou sobre a possibilidade de Agostinho Neto ter deixado contas no estrangeiro?

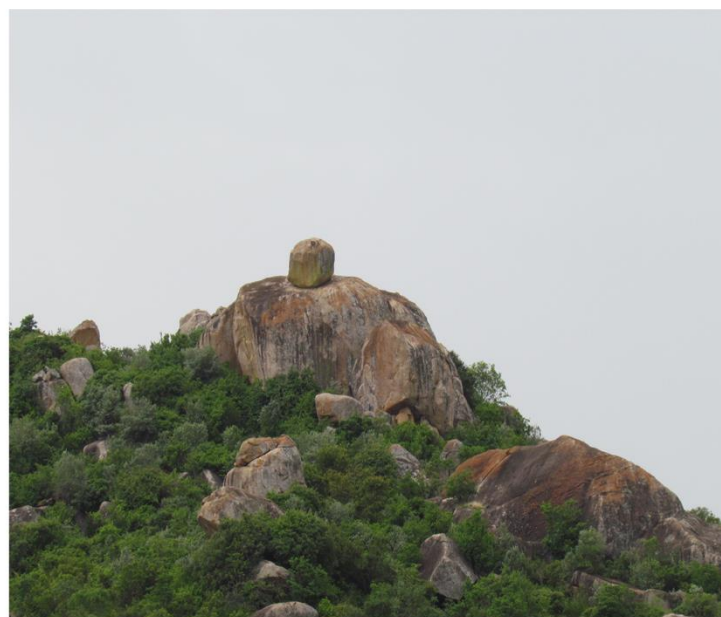
Nada, nada. Não existe nada. O Neto morreu com a roupa que tinha no corpo. Não tinha dinheiro.



OS TRÊS PICOS - (Huíla)



MONTANHA DO RINÔ - (Huíla, Humpata, Bimbe)



PEDRA DO MAMILO - (Huíla, Lubango, Mapunda)



COMPLEXO ESCOLAR PRIVADO 1-2-3 LUBANGO

"OS TRÊS PRIMEIROS PASSOS DE GENTE GRANDE"

Ensino primário, primeiro e segundo ciclo do ensino secundário.

A Directora Cármen Fernanda Cardoso deu inicio a esse grande projecto em 1994 como uma simples explicação, isso devido algumas debilidades que alguns alunos de outras instituições apresentaram.

Evoluindo com as suas ideias, a directora viu a necessidade inadiável de dar o seu contributo na formação de quadros, fazendo assim a petição as autoridades de direito para a abertura de um colégio para o ensino particular com o nome de colégio 1-2-3.

Em 1994, face a solicitação feita pela directora, foi lhe autorizada a abertura do colégio, dando inicio as aulas no dia 01 de abril de 1997, no primeiro e único bloco na altura.

No dia 31 de Maio houve a inauguração oficial do colégio e finalmente em 1999 surge o despacho do sr. ministro da educação e legalização do estabelecimento de ensino.



Telefone: 222-781-799

Email: complexoescolarprivado123@gmail.com

Email: complexoescolarprivado123@hotmail.com

Site: www.colégio1-2-3.com

Secretaria: +244 923 528 237

Apoio técnico: +244 931 918 536/ +244 942 152 188